



Aspectos lexicográficos na ordem alfabética de Jerônimo Cardoso

Lexicographic Features in the Alphabetical Order of Jerônimo Cardoso's Work

Mário Eduardo Viaro¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil
maeviaro@usp.br

Resumo: Em dicionários do século XVI, a ordem alfabética comumente não é seguida de maneira estrita na ordenação de verbetes. Muitos outros fatores fonéticos, morfológicos e semânticos também são levados em consideração. O primeiro dicionário da língua portuguesa, de Jerônimo Cardoso, não é uma exceção a essa regra. O aspecto aparentemente caótico da ordenação, na verdade, revela decisões teóricas antes do estabelecimento da futura aplicação radical da ordem alfabética e, de modo algum, aponta para falta de conhecimento ou de habilidade do autor. Pretende-se, neste artigo, apresentar alguns critérios empregados por Cardoso e, com isso, contribuir para conhecer não apenas sua erudição, mas também alguns dos pressupostos linguísticos da sua época.

Palavras-chave: Jerônimo Cardoso; lexicografia; historiografia da linguística; português quinhentista; ordem alfabética.

Abstract: Dictionaries of the sixteenth century are generally not alphabetically ordered in a strict sense. Many other Phonetic, Morphologic and Semantic features are also taken into account. The first dictionary of the Portuguese language, by Jerônimo Cardoso, is not an exception to that rule. The apparently chaotic aspect of its ordering in fact reveals theoretical decisions before the future radical determination of the alphabetical order and there is absolutely no point in interpreting it as author's lack of knowledge or ability. This paper aims to show some of the *criteria* used by Cardoso and to contribute to the knowledge not only of his erudition, but also of some of the sixteenth century linguistic presuppositions.

Keywords: Jerônimo Cardoso; lexicography; historiography of linguistics; sixteenth century Portuguese language; alphabetical order.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil

1 Introdução: o autor e seu modelo de organização lexicográfica

Preconceitos criados em vários momentos da história ocidental nos conduzem a precipitadamente julgar uma obra antiga como algo superado. Reforçou-se esse preconceito em inúmeras épocas: durante o estabelecimento do Cristianismo, algumas vezes na Idade Média, no Renascimento, no Período das Luzes, durante a época da Inquisição, em quase todas as vertentes da filosofia oitocentista, sobretudo na de viés hegeliano, e nas *tabulae rasae* do século XX. Esse pensamento, fundamentado principalmente no desconhecimento do passado, recebe, por vezes, ares de verdade incontestável. Sempre se põe em xeque, no entanto, quando nos debruçamos, algo que maravilhados, com a subestimada complexidade do pensamento antigo. Para recuperar um pouco do pensamento de épocas pretéritas, a Epistemologia, a Historiografia e a Etimologia talvez sejam as poucas áreas do conhecimento que admitam a necessidade da reconstrução do contexto histórico em que uma ideia se insere. E, mesmo assim, na ânsia de entender os alicerces de uma expressão e a metodologia empregada por um autor, a partir de um recorte qualquer do passado, não é pequeno o perigo de o analista cometer injustiças em seu julgamento ou de se concluírem anacronismos, que desgraçadamente muitas vezes criam novas tradições argumentativas de pouca fundamentação na realidade.

Um velho dicionário tem muito a nos ensinar sobre isso. Jerônimo Cardoso (c1508-c1569) é o ponto de partida tanto da lexicografia, quanto da lexicologia portuguesas, e uma das peças-chave para os estudos de etimologia e linguística histórica da língua portuguesa. Como outras obras da segunda metade do século XVI, o vocabulário intitulado *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, de sua autoria, publicado entre 1562 e 1563 (como informam o frontispício e a última página), apresenta singularidades dignas de estudo esmiuçado. Tal obra tem, fora as capas, contracapas e frontispício, um total de 208 páginas, que numeramos à maneira de fólhos: portanto, as páginas 1 e 2 serão referidas neste trabalho como [1r] e [1v], respeitando assim, a vontade do editor, mas não seguindo à risca a numeração que se encontra na porção superior no *recto* de cada fólio (à direita) e, às vezes, no *verso* (à esquerda), pois, a certa altura, se torna confusa, por exemplo: [16r] aparece no original como 24, para citarmos apenas este aspecto bibliológico da obra.

2 O alfabeto de Jerônimo Cardoso (1562-1563)

Gramáticas quinhentistas apontam para temas discutidos internacionalmente e somente a Historiografia da Linguística pode ajudar a decifrar determinadas posturas autorais. As letras que iniciam os verbetes, em Jerônimo Cardoso, quase sempre por meio do uso de capitulares, são as seguintes: A, B, C, D, E, F, G, I, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Z (na verdade, somente os verbetes iniciados pela letra D não têm uma capitular correspondente). Essas vinte letras, contudo, não correspondem às usadas pelo latim na mesma obra, pois aparecem na tradução latina dos verbetes em português letras como Æ (e sua variante ę), H, Œ e Y. A letra K só aparece na porção inferior direita de alguns fôlios. Há tendência para se evitarem, nas palavras portuguesas, encontros como PH, TH e CH (para representar o som *[k]),² de modo que se supõe, por isso, que Jerônimo Cardoso está mais vinculado à vertente fonética quinhentista do que à etimológica no que tange às representações das línguas modernas. Letras, segundo o modo de ver da época, não equivaleriam ao termo *grafema*, utilizado pelos estruturalistas: uma letra é um elemento de um alfabeto, norteador de uma tradição escrita, já um grafema é uma unidade abstrata que pode compor-se de várias letras. Quando nos referirmos ao que determinado autor de uma época considera ser *letra*, no sentido alfabético do termo, representá-la-emos por maiúsculas, já o grafema em questão será representado entre colchetes uncinados < >.

Nesse sentido é que entendemos considerar em Fernão de Oliveira (1536) o H e o til como letras imperfeitas (VIARO, 2009, p. 105-121), pois, no momento do seu cômputo em que se indaga quantas letras compõem a língua portuguesa, descarta os dois sinais. Embora <h> seja um grafema, não era uma letra para Oliveira. Aparentemente, essa também é a posição de Jerônimo Cardoso, que ainda se respalda em autores como Nebrija, o qual afirma acerca do H: “no es letra sino señal d’ espíritu e soplo” (NEBRIJA, 1992 [1492]¹, p. 123: fôlio 7r, linhas 32-32). Para Fernão de Oliveira:

² Realizações fonéticas serão sempre asteriscadas neste artigo por obviamente não dispormos de registro e também por serem reconstruções de um sistema linguístico pretérito.

Temos estas letras .ç.j.rr.ss.v.y. ch.lh.nh. As quaes por todas fazẽ numero de trinta & tres: & cõ .h. sinal de aspiração trinta e quatro. E cõ tudo a estas duas. til.& h. não metemos em conto de letras perfeytas: porq̃ de feito a força dellas e muy diminuyda & tanto q̃ quasi a não sentimos sem aiütamento doutras letras: nêlhe podemos dar nome proprio que a pronúnciação dellas mostre: & assi ficão as nossas letras ã trinta & duas: & também essa letra til serue em lugar doutras alghũas letras/ em muytas abrevuações (OLIVEIRA, 2000 [1536]¹, p. 93, 175, 254, no original: cap. 10, p. 14, linhas 21-28).

Como ocorre em muitas obras da época, não se distinguem letras que hoje nos são grafemas familiares: esse é o caso do par <i> e <j> e do par <u> e <v>. No caso de Jerônimo Cardoso, trata-se da mesma letra, com alografia evidente: <v-> é uma figura utilizada apenas no início das palavras e <u> nas demais posições. Não ocorrem maiúsculas como os U ou J atuais: Cardoso escreve “cõuem” [2r] para nosso atual “convém”, “Vua” ou “vmanidade” para grafias atuais “uva” e “humanidade” [104r], “vniuersidade” [104v] para o vocábulo atualmente grafado “universidade”. O alógrafo <j> aparece com frequência em palavras latinas, por exemplo, nos encontros de duas letras I, tais como em: *Regij* [frontispício *recto*], *abijcio* [2v], *Abrantij* [3v], *ingenij* [9v] e raramente em palavras portuguesas, como *açujentar* [6v]. Tampouco o grafema <y> é considerado uma letra independente, apesar de aparecer com bastante frequência em ditongos como *abayxo* [2r], *afeyto* [7v], *Boy* [26r], *muyto* [10r], *Atalaya* [21r], *Balayo* [23v], representando a semivogal ou, mais raramente, uma consoante, como em *areyado* [18r], *Oye* [79v], *Miyar* [75v]. Nesse sentido, podemos concluir que <v> e <u> são apenas alógrafos da letra V enquanto <i>, <j> e <y> são três alógrafos da letra I, independentemente de a letra V representar sons como *[u], *[w] ou *[v] e também independentemente de a letra I representar sons como *[i], *[j] ou *[ɜ] (CAMBRAIA, 2005, p. 116).

3 A ordem alfabética do *Dictionarivm*

A questão sobre a necessidade da letra H remonta à Antiguidade romana, como se pode encontrar em diversos autores apresentados por Keil (1857-1923), por exemplo: Carísio K 1, 3 e Diomedes K 423, 15. Durante o Renascimento, muitos gramáticos levantaram a questão da

inutilidade do H para a grafia das línguas vernáculas. Jerônimo Cardoso não considera o <h> uma letra, devido à sua posição mais fonética do que etimológica face ao que seja um alfabeto da língua portuguesa. Isso se pressupõe do divórcio que faz entre o português e o latim em grafias de palavras portuguesas muito aparentadas às suas correspondentes latinas cuja origem seria inegável: o verbete *abitar*, por exemplo, tem como correspondência latina *habito* [3r], a palavra portuguesa *ipocrita* é traduzida como *hypocrites* [68r] e o verbete em português *vmano*, pelo latim *humanus* [104r]. As raras vezes que o <h> aparece, além dos dígrafos <ch>, <lh>, <nh>, refletem algum uso tradicional, alicerçado na prática manuscrita, onde o <h> tinha papel de facilitador de leitura: como em *hũa*, praticamente única grafia para o artigo indefinido feminino [cf. 42v] e em *huiuar*, atual “uivar” [104r].

Representaremos a ordenação de alguns verbetes por meio de barras, por exemplo, *aba/ abada/ abade/ abadessa/ abadinho* [2r]. Observa-se, com facilidade, que, não raro, a ordem de Cardoso não corresponde à atual, como em *abadessa/ abadinho/ abadia* [2r], na qual se esperaria que o último verbete antecederesse o penúltimo, uma vez que, pela ordem alfabética, o A que compõe a última letra de *abadia* vem antes do N de *abadinho*. A primeira sensação que nos dá tais frequentíssimas “rupturas da ordem” em dicionários quinhentistas como o analisado é a de que houve algum tipo de descuido do autor ou do impressor ao confeccionar a obra. Essa falsa sensação é dissipada rapidamente, quando se percebe que, por trás da aparente falta de rigor (interpretação que esconde os prejuízos ocidentais já mencionados), existem, na verdade, concepções linguísticas latentes na prática lexicográfica da época, que só a leitura atenta de toda obra nos permite revelar paulatinamente. Diremos que, em Jerônimo Cardoso, a ordem alfabética apenas tem a função auxiliar de retomada da ordem, mas não configura a ordenação em si dos verbetes. Desse modo, há necessidade de distinguir ordem (que só pode ser alfabética) de ordenação (que revela outros critérios além do alfabético). Interrompida a ordenação propositalmente, devido a algum compromisso do autor com a semântica e com a morfologia, retoma-se a ordem alfabética somente após esgotar-se a análise dos significados do verbete, que se encontram na sua tradução latina. A ordem alfabética, de origem antiquíssima, raramente foi alterada ao longo da história das letras e a razão disso é simples, pois, por milênios, associavam-se letras com numerais: essa característica de ordem prática entre fenícios e gregos

manteve-se na forma de rigidez tradicional também em línguas antigas da Península Itálica que adotaram variantes do alfabeto originalmente fenício (de raízes canaanitas), despojando os nomes semíticos das letras e sua função de algarismos (porque já dispunham de sistema de numeração tradicional, ainda mais antigo). Expediente prático para a localização de palavras em um dicionário, estranha-nos, por conseguinte, que a ordem alfabética não seja levada de forma radical em dicionários, mas essa prática somente se inicia sobretudo a partir do século XVII e se torna a única a partir do século XVIII (DIRINGER, 1948; HOOKER, 1990).

As razões da existência de ordenações lexicográficas dos verbetes diferentes da ordem alfabética atual devem-se a diversos fatores: (a) a presença de outras ordens alfabéticas diferentes das letras, sobretudo de dígrafos e de novas letras com diacríticos, (b) a interferência do conhecimento acerca da classificação das letras na formação de subconjuntos que se tornam uma outra opção além da ordem alfabética, (c) o modelo de hierarquização das classes de palavras a que se vinculam os verbetes e sua disposição tradicional em gramáticas, (d) questões relativas à própria semântica das palavras que formam os verbetes e seu significado. Somente após investigarmos esses fatores, poderemos detectar verbetes realmente fora de qualquer ordenação, as quais apontariam para questões novas, ainda carentes de investigação científica e, somente em último lugar, poderíamos aventar haver algum descuido do autor, do editor e/ou do tipógrafo.

4 Ordenação distinta dos dígrafos e dos pares *muta cum liquida*

Apesar de CH, LH e NH não serem letras no alfabeto de Cardoso, o autor por vezes parece seguir o que afirma Fernão de Oliveira (1536) no seu capítulo 14, que coloca esses dígrafos no final do seu abc de 31 letras e entre suas 24 consoantes (embora não indique seu “nome”, parte integrante de uma letra, tal como supunham ser os autores da época também a “figura” e a “voz”, segundo a tradição gramatical que remonta a Prisciano ou mesmo antes). João de Barros (1539) não inclui os três mencionados dígrafos no rol das suas *leteras* (1539, fólho 4v) mas os menciona como “outra maneira de syllabas próprias da lingua portuguesa” após tratar das líquidas R e L (1539, fólho 8r), no entanto, em outra obra, diz que essas três “prolações” são próprias da língua portuguesa e que “usamos dellas em soprimento de tres leteras de que nam temos figura”. Todavia, em seguida, chama o grafema <ç> de “letra” (1540, fólho 3v).

Como resultado dessas questões, há duas soluções para as sequências da ordem para a segunda consoante numa sequência de letras do tipo CH, CL- ou CR-: ou essa segunda consoante segue a ordem alfabética (e nesse sentido, teríamos a sequência de letras A E H I L O R V) ou vem após todo o elenco das vogais (e, nesse caso, a sequência seria A E I O V L R H). A decisão por esta ou por aquela solução se entrevê naquilo que chamaremos de subseções alfabéticas do vocabulário de Cardoso, indicada pelas três ou quatro primeiras letras iniciais, como “abe” [2v], “abi” [2v], “abo” [3r], “abra” [3v], “abri” [3v] (essas subseções também têm uma forma alternativa para duas letras, a saber, “t *ante o*” [99v], “v *ante e*” [102r] etc.). Em suma, nos casos acima mencionados, a ordenação entre *abotoadeira/ abraçar* segue simplesmente a ordem alfabética, na qual a terceira letra O vem antes da letra R. Importa dizer que essas subseções rotulam apenas o início da listagem: na subseção “abra” se incluem também palavras como <abre-> como *abreuiar* [3v] e em “abri” também se incluem formas como *abrolho, abrunho, abutre* [3v].

Contudo, as disparidades de correspondência entre o conceito de figura e o de voz, apontadas pelos gramáticos, afeta a mera aplicação da ordem alfabética e surge o segundo tipo de ordenação das letras: após “aca”, “aco”, “acra”, “acu”, que estão sob ordem alfabética, inicia-se a pronúncia fricativa (ou africada) do grafema <c>, às vezes representada pelo alógrafo <ç>. Essa separação dos dois tipos de C confere a um conjunto de combinações quase um *status* de letra distinta ao <ç>, apesar de não ocorrer como letra separada no alfabeto de Cardoso. O mesmo se passa com o dígrafo <ch>. Dito de outra forma, após a subseção “acu” vêm “açã”, “acẽ”, “aci”, “açõ”, “açũ” e, por fim, as subseções “acha” e “ache”, como se <ch> também devesse ser entendido como uma letra distinta de <c> e de <ç>, à maneira das discussões de diversos gramáticos coetâneos a Cardoso. (cf. *acutilarse/ açacalar* [5r], *açujentar/ acha* [6v]).

Também há aparente titubeação com relação à questão da *muta cum liquida* discutida pelos gramáticos. Se, nas subseções, Jerônimo Cardoso estipula, seguindo a ordem alfabética, que <bo-> antecede <br->, o qual, por sua vez, antecede <bu->, o mesmo não parece valer para letras que dispõem de várias realizações fonéticas como o C: <co-> antecede <cu->, mas, em seguida vêm <cl->, <cr-> e, por fim, <ç-> e <ch->. O mesmo ocorre, em parte, com outras letras, a despeito de haver ou não várias realizações fonéticas, a saber, com F: *fuzil/ fraco* [63v], com G: *gusto/ grãa* [66r], com P: *puxauante/ praça* [87r] e com T: *tutano/ trabalhar* [100r-100v].

No entanto, não ocorre o mesmo com B: *bozina/ braçada* [26v], *Bruxeles/ bruço* [27r] e D: *dous/ draguio/ drogas/ ducado* [49v-50r]. Letras como L, M, N, R, S, X e Z obviamente seguem apenas a ordem alfabética, porque não admitem uma líquida como segundo elemento da sílaba.

Em resumo, paralelamente à ordem alfabética radical, existe também uma tendência de se analisar o ataque silábico e as diferenças de pronúncia associadas à mesma letra. Essa análise resulta em três grupos: (a) consoante seguido de vogal, (b) consoante seguida de líquida, (c) formas especiais da letra, ou seja, dígrafos e sons marcados por diacríticos como a cedilha. O terceiro grupo é consequência da “falta de figura”, teorizada por João de Barros, como mencionamos, e, portanto, não aparece sempre, dadas as peculiaridades relativas às realizações fonéticas de combinações específicas de letras. Esses três blocos de ordenação, que marcaremos por meio de colchetes comuns, também são ordenados internamente de maneira alfabética: [<pa->, <pe->, <pi->, <po->, <pu->] [<pl->, <pr->] ou então [<ca->, <co->, <cu->] [<cl->, <cr->] [<ça->, <ce-> <ci->, <ço->, <çu->, <ch->]. Observemos que, se essa decisão é evidente para o início de vocábulos, norteadas pelas subseções do dicionário, não o é para o interior dos verbetes, pois, nesse caso, os dois primeiros blocos se fundem: [<aca->, <acl->, <aco->, <acr->, <acu->], [<aça->, <ace-> <aci->, <aço->, <açu->, <ach->].

Além de líquidas, as letras R e L costumavam fazer parte, nas gramáticas tradicionais, do conjunto das semivogais, juntamente com M e N. O problema grafotático do “segundo elemento da sílaba”, equivalente hoje ao segundo elemento de um ataque silábico em fonologia, parece ter contribuído para novos problemas com relação às letras ambíguas I e V e, de fato, encontram-se os seguintes blocos [<ia->, <ie->, <io->, <iu->], [<il->, <im->, <in->, <ip->, <ir->, <is->]. Com exceção de <ip-> observe-se que o segundo bloco não inclui as mudas e, de fato, encontram-se no primeiro bloco verbetes deslocados, como *idolo, idolatra, idolatrar, iguaria, igual, igualdade, igualmente, igualador, igreja* [66v-67r]. A mesma oscilação também ocorre, de forma ainda mais complexa, com a letra V: [<va->, <ve->, <vi->, <vo->, <vu->], [<vm->, <vnh->, <vn->, <vs(s)->].

Se a sequência de letras RR segue a ordem alfabética normal: *arquinha/ arrabalde* <18v> e *arruda/arte* [20r], o mesmo parece não ocorrer com SS, que não se distingue de S, a ponto de, em muitos momentos, ser considerado uma mesma letra, apesar de terem voz e figura distintas: *asa/ assacar, assaz/ ascuna* [19r], *as escuras/*

assegurar/ assinaladamente/ azinha/ asma, asnalmente/ assoalhar [20v], *assombramento/ aspera* [21r]. Essa postura, contudo, cria inconsistências como *aspeito/ assossegar* [21r], que é condizente com a ordem alfabética atual, mas incoerente em relação à decisão de que S = SS, uma vez que, após a sequência <asp-> de *aspeito* se esperaria a sequência <asq-> e não <ass-> e, de fato, a partir daí cada elemento do dígrafo <ss> é considerado pela ordem alfabética, como provam os verbetes *assouio/ aste* [21r]. Retoma-se a primeira regra novamente em *astrolago/ assuada* [21r]: nessa sequência, ignora-se o segundo S e segue-se a ordem alfabética, que determina que T vem antes de V. Essa inconsistência aparentemente provém de uma tentativa de representação de ambas as fricativas lamino-alveolares surda e sonora por S, tal como se encontra em várias passagens: *basoura* [24v] com *[s̥], *bisouro* [25v] com *[z̥]. Embora menos frequente, também existem casos no vocabulário de Cardoso que mostram titubeação entre R e RR, por exemplo, em *abarregamento/ abarcar* [2r], mas um número maior de casos precisaria ser enumerado, antes da afirmarmos algo sobre isso. Processo similar de ignorar uma das letras para manter a ordem alfabética se percebe entre G e GV+vogal, por exemplo: *gatear/ guardar* [65r], *gesmim/ guelrra* [65r], *gis/ guiar* [65v], que antecede a sequência GV+consoante: *gozo/ gula* [65v].

5 Influência das classes de palavra na ordenação lexicográfica

Apenas a classificação tradicional das letras e as polêmicas entre os gramáticos sobre esse ponto teórico não são suficientes para entendermos outras soluções de ordenação no *Dictionarium* de Jerônimo Cardoso. Há, com certeza, outras razões nas gramáticas usadas por dicionaristas do Renascimento para justificar ordenações distintas das acima apresentadas. A ordem alfabética é suspensa quando há vários sentidos distintos para uma mesma palavra, que podem ter – usando uma nomenclatura atual – caráter de polissemia ou de homonímia. Também é suspensa quando há algo que pode ser considerado como uma “derivação” de um verbo principal.

Por exemplo: a palavra³ *abarcar* tem, segundo Jerônimo Cardoso [2r], dois sentidos que sempre enumera em sequência. Um conceito

³ Para evitar o termo “palavra”, tão ambíguo na lexicologia, para efeitos de organização em banco de dados, utiliza-se o termo “metalema” durante a confecção do dicionário etimológico DELPo cf. Viaro, 2017.

como *abarcar*¹ é traduzido como *complector* ou *comprehendo*, já outro conceito, que chamaremos *abarcar*², esclarecido ao consulente por meio de uma paráfrase, logo após uma marcação lexicográfica específica (no caso, “.s.”, abreviatura de *scilicet*), traduz-se como *intercipio*. Em seguida, apresenta uma forma derivada que foge da ordem alfabética, a saber *abarcamento*¹, estreitamente ligada ao último conceito de “abarcar, isto é, *abarcar*², como se depreende do seu significado *interceptus*, intimamente ligado ao significado de *abarcar*², aliás, seu particípio. Terminadas todas as derivações (que, no caso, inclui mais uma: *abarcador*, traduzido como *interceptor* e novamente associado a *abarcar*² e sua tradução *interceptus*), parte-se para os derivados do primeiro conceito de *abarcar*¹, a saber, *abarcamento*², que se traduz como *complexus*. Tal apresentação de verbetes lembra uma hierarquização da seguinte forma: se A^1 e A^2 são dois conceitos homófonos (cada um com vários significados) e se a^1 deriva de A^1 , da mesma forma que a^2 e a^2' derivam de A^2 , a ordenação lexicográfica aqui suspende a ordem alfabética e pode ser apresentada, tal como no exemplo acima, da seguinte forma: [$A^1 / (A^2 / a^2 / a^2') / a^1$], que chamaremos de célula. No texto:

Abarcar. Complector, ris, compre hendo, is.	← A^1
Abarcar. s. tomar tudo. Intercipio, is.	← A^2
Abarcamento desta maneyra. Interceptus, us.	← a^2
Abarcador. Interceptor, oris.	← a^2'
Abarcamento das mãos. Complexus, us. (CARDOSO, 1562-1563, fôl. 2r; indicações à direita nossas).	← a^1

Observe que a instrução “desta maneyra” refere-se à segunda acepção de *abarcar* (A^2). Veja também que *abarcador* quebra a ordem alfabética: por pertencer ao mesmo campo semântico de A^2 , aparentemente qualquer questão de ordem alfabética que envolva palavras da mesma célula é deixada em suspenso. Em suma, uma vez exposto *abarcar*¹, parte-se para *abarcar*² e seus derivados e, como que fechando parênteses, volta-se para os derivados de *abarcar*¹, antes de se retomar a ordem alfabética.

Toda essa informação poderia ser recuperada, numa versão modernizada, na qual apenas a ordem alfabética é usada como recurso

de ordenação lexicográfica e voltada ao linguista preocupado com a sincronia da época da seguinte forma:

Abarcador: Interceptor, oris. [2r]

Abarcamento: Interceptus, us. [2r] • __ das mãos: Complexus, us. [2r]

Abarcar: Complector, ris; comprehando, is. [2r] • (= tomar tudo):
Intercipio, is. [2r]

Como se poderia esperar, o tipo de célula $[A^1/ (A^2/ a^2/ a^2)/ a^1]$ não é o único na obra de Jerônimo Cardoso. Há outras possibilidades como $[A^1/ (a^1/ a^1' / a^1'')/ A^2/ (a^2)]$. Trata-se do caso de “abandar” [2r]. A relação dos significados (em latim) está diretamente ligada à estrutura hierárquica da célula. A associação com o vento está presente em *abandar*¹ (*ventilo*), assim como nos três verbetes que derivam dele, a saber: *abano*¹ (*flabellum*), *abanador* (*ventilator*) e *abanadura* (*ventilatio*); por outro lado, a associação com “mosca” se encontra claramente em *abandar*² (*abigere muscas*) e *abano*² (*muscarium*). Diremos que, no caso de *abarcador* e seus derivados, apresentou-se a polissemia do verbo no infinitivo primeiramente e só depois partiu-se para os seus derivados, na ordem em que foram apresentados. Já no caso de *abandar*, apresentou-se cada acepção do verbo com um verbeito no infinitivo, intercalado pelas derivações. Dentro de cada célula, suspende-se provisoriamente a aplicação radical da ordem alfabética:

Abandar. Ventulum facere, ventilo
as.

Abano. Flabellum, i.

Abanador que abana. Ventilator,
oris.

Abanadura. Ventilatio, onis.

Abandar moscas. Abigere muscas.

Abano de moscas. Muscarium, i. (CARDOSO, 1562-1563, fól. 2r).

Uma das possibilidades de apresentação dessa sequência de verbetes hoje, em que apenas a ordem alfabética é utilizada, seria a seguinte:

Abanador (=que abana): Ventilator, oris. [2r]

Abanadura: Ventilatio, onis. [2r]

Abanar: Ventulum facere; ventilo, as. [2r] vide abanador <que abana>

• Abanar moscas: Abigere muscas. [2r]

Abano: Flabellum, i. [2r] • Abano de moscas: Muscarium, i. [2r]

Talvez a classe de palavras a que pertence cada derivação explique a ordenação ótima que Jerônimo Cardoso procurava ao organizá-las dentro da célula. Nos casos acima, como se pode perceber, Jerônimo Cardoso apresenta *abano* antes de *abanador* e *abanadura*, contrariando novamente a ordem alfabética, mas isso não quer necessariamente dizer que haja falta de organização nessa sequência. Igualmente, *abarcamento*¹ vem antes de *abarcador*. Haveria alguma lógica nessa ordem ou os elementos derivados estariam livremente elencados? Em casos como [*abater*¹/ (*abatido*/ *abatimento*)/ *abater*²] do fôlio 2v, mais do que a ordem alfabética que se estabelece naturalmente entre *abatido* e *abatimento*, o fato de se constituírem como derivações é sobrepujante. Observe-se isso em quebras da ordem alfabética como em [*abade*/ (*abadessa*/ *abadinho*/ *abadia*)], 2r, em que uma hierarquia semântica parece existir entre o feminino, o sufixo diminutivo e as palavras com sufixos formadores de objetos ou abstrações. A hierarquia também é flagrante em [*abençoar*/ (*abençoada*/ (*abençoador*/ (*abençoadeira*)))], 2v: infinitivos antes de participios antes de derivações nominais antes de femininos.

A hipótese de uma ordenação morfológica específica para dentro das células dos derivados parece confirmar-se de forma evidente em pelo menos um caso específico. Substantivos femininos são considerados derivados de masculinos, pela tradição gramatical. Na tradição lexicográfica, adjetivos, participios, numerais e pronomes adjetivos são preferidos como lema nas suas formas masculinas, o plural deriva do singular e todos os tempos verbais derivam do infinitivo. No caso de Cardoso, tanto o feminino quanto o diminutivo seguem o verbete considerado primitivo. Isso explicaria a razão de *abarregado* vir antes de *abarregada* [2r], quebrando assim a ordem alfabética radical em que A viria antes de O:

Abarregado .s. amancebado. Con-
cubinarius, i.

Abarregada com solteyro. Concu-
bina, æ.

Abarregada com casado. Pellex, cis,
succuba, æ. (CARDOSO, 1562-1563, fól. 2r).

O caso acima ainda mostra mais um problema com a ordem alfabética, uma vez que *solteyro* vem antes de *casado*. Se não estamos diante de apenas uma listagem que desconsidera completamente a ordem alfabética em prol de uma valoração idiossincrática do autor ou mero acaso na listagem, outras suposições poderiam ser consideradas. Parece consistente, nesses casos, em que parâmetros fonéticos e morfológicos se equiparam, que a ordem alfabética dos significados (e não dos verbetes) entra como um critério norteador e, de fato, no caso acima, observe-se que é a ordem alfabética das palavras latinas *concupina* e *pellex* que determina a sequência entre *abarregada*¹ e *abarregada*² e não as palavras portuguesas *solteyro* e *casado*, como hoje teria sido feito.

A hipótese da sequência hierárquica de classes como norteadora encontra outro argumento no uso particular do termo “cousa” para caracterizar adjetivos. Invariavelmente, a palavra “cousa”, quando antecede o adjetivo ou a locução adjetiva, tem um papel puramente metalinguístico e, como tal, é ignorada por quaisquer expedientes lexicográficos de organização dos verbetes. Por exemplo, na sequência *abater*/ [ABC (*cousa de ABC*)]/ *abegam* [2v], o uso de “cousa” meramente suspende a ordem alfabética e informa como é a forma adjetival correspondente do verbo ao qual a célula se subordina e isso se comprova também pela relação entre a tradução *alphabetus* e seu derivado *alphabeticus*.

De fato, a análise da ordem dos verbetes não pode prescindir da sua tradução latina em um período histórico no qual só havia familiaridade com dicionários de latim: na aparente desordem da sequência *abastecer*/ *abastante* [2v] existe, por exemplo, um elo evidente na sua tradução latina, uma vez que uma das acepções de *abastecer* aponta para o verbo latino *sufficio* e a tradução de *abastante* é o particípio do mesmo verbo, isto é, *sufficiens*. Observe que é muito difícil estabelecer o limite para esse tipo de agrupamento, que também depende do bom-senso: o autor sabia da relação entre *abrir* e *aberto*, tanto em português quanto em latim, contudo, a distância fonética entre as duas palavras impediu, decerto, que fossem

agrupadas na mesma célula e, nesse caso, utilizou-se apenas o critério alfabético, como também ocorre em outras irregularidades flexionais.

As aparentes incongruências, portanto, se esclarecem à medida que os já mencionados vários pontos de apoio para a ordenação dos verbetes são levados em consideração. No caso de [*abelha/ (abelha mestra/ abelhinha/ abelhão/ abelharse/ abelhudo/ (abelhudamente))*], 2v, observa-se que o autor provavelmente não imagina o verbo como sempre hierarquicamente primitivo: a sensação de que há derivação de *abelhar* a partir de *abelha* (e não o contrário) faz com que o autor respeite não só a menção da forma gramaticalmente primitiva antes da derivada (morfologica- ou semanticamente, tal como se observa na forma específica *abelha mestra* após a forma genérica *abelha*), mas também a sequência tradicional das classes de palavras, uma vez que o advérbio de modo *abelhudamente* é o último elemento da célula. Só após isso, faz sentido ao lexicógrafo renascentista a retomada da ordem alfabética.

Em [*abastar/ ((abastada/ abastança)/ (abastadamente)/ (abasta))*], dos fólios 2r-2v, os advérbios *abastadamente* e *abasta* também ocupam a última posição na célula, após as derivações participiais, mostrando o sequenciamento tradicional das classes de palavras das gramáticas da época. Mais um exemplo encontraremos em [*cansar/ (cansada)/ cansasso/ canseira/ (cansadamente)*], 30v, em que o critério da derivação entre *cansada* e *cansadamente* foi vencido pelo critério da ordem das classes gramaticais, no qual advérbios vêm após as formas flexionadas (mesmo que a tradução de *cansada* aponte para *deffessus* e a de *cansadamente*, para *deffese*).

Nas matrizes organizacionais dos verbetes há vários pesos e várias medidas, mas não podemos afirmar, sem sermos despicientes, que só haja caos, pois isso seria o mesmo que dizer que não se aplicou qualquer critério, o que seria claramente um exagero pouco benevolente à erudição que se consolidava na época, tal como hoje em dia nos encontramos perante o acúmulo de informações após o advento da *internet*. Separar o joio do trigo não era muito diferente na época posterior à invenção da imprensa como também não o é hoje na época das redes mundiais de comunicação.

6 Conclusões

Não é a inépcia ou a ignorância de um autor antigo que fundamenta uma ordem que hoje prejudicamos como caótica: pelo contrário, antes é

sua erudição que justifica essa complexidade que apresentamos. Pelo exposto, vemos que não houve tentativa frustrada de aplicação de uma ordem radicalmente alfabética: pelo contrário, o autor quinhentista tenta valer-se de seus conhecimentos gramaticais na sua organização lexicográfica, muito diferentemente do que faria um autor setecentista. Não se pode descartar, obviamente, o fato de que algumas inconsistências podem ser atribuídas ao editor da obra. Assim sendo, quando se veem sequências como *bexiguas/ bixigoso/ bezerro* [25v], respeitou-se aparentemente a ordem alfabética do autor e houve uma modificação *a posteriori* do tipógrafo. Um filólogo, ao fazer uma edição crítica, certamente se pergunta se a forma *bixigoso* não deva ser reparada para *bexigoso*, com base na ordem alfabética. Por meio desse problema, pelo menos, deduz-se, mediante reconstrução do português falado nessa sincronia pretérita, a informação de que deveria haver as duas variantes **bexigoso ~ bixigoso*. Um caso inverso é *vitela/ vezinho/ vizinhança*, que aponta para uma oscilação *vezinho ~ *vizinho* [103v-104r]. Em ambos os casos, aparentemente há problemas teóricos que envolvem questões de assimilação regressiva por alçamento vocálico *e > i* ou dissimilação por rebaixamento vocálico *i > e*. Um levantamento desses casos seria de extremo auxílio para o entendimento do sistema fonológico do português da segunda metade do século XVI.

Somente após considerarmos todos esses fatores e descartá-los, é possível pensar em descuido do autor ou inclusão tardia de palavra fora de qualquer sequência alfabética, morfológica ou semântica possível, por exemplo: *abalrroar/ abalisar* [2r], *abarrisco/ abarregado* [2r]. Tais “erros”, contudo, como quis mostrar o nosso trabalho, não são tão fáceis de comprovar, sem o perigo de incorrerem em anacronismo na interpretação da leitura de uma obra alicerçada em um período histórico tão distinto do atual. Mesmo nos casos em que nos deparamos com uma mera listagem, como ocorre nos mais de trinta tipos de “cantar” [29v-30r], sem qualquer ordem alfabética que a justifique, nem do lado do verbete, nem do lado do significado latino e na qual não encontramos qualquer justificativa de ordem semântica para pensarmos em hierarquizações, observamos que o intento precípua do gênero “dicionário” não se distinguia (como não se distinguirá até a época de Bluteau, na primeira metade do século XVIII) do seu intento principal, que era a erudição, desmembrando-se, na segunda metade do século XVIII e subseqüentemente, no gênero “enciclopédia”. Só isso revela muito sobre uma etapa histórica pretérita.

Referências

BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa com os mandamentos da santa mãe igreja*. Lisboa: Casa de Luis Rodrigues Liureiro, 1539.

BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olissipone: apud Lodouicum Rotorigiũ, 1540.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes 2005.

CARDOSO, J. *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari Typographi Regij, 1562-1563.

DIRINGER, D. *The Alphabet: a Key to the History of Mankind*. Foreword by Sir Ellis Minns. New York: Philosophical Library, 1948.

HOOKER, J. T. (org.). *Reading the Past: Ancient Writing from Cuneiform to the Alphabet*. London: British Museum Publications, 1990.

KEIL, Heinrich. *Grammatici latini*. Leipzig: Teubner, 1857-1923. 6v.

NEBRIJA, E. A. de. *Gramática castellana*. Introducción y notas de Miguel Ángel Esparza y Ramón Sarmiento. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

OLIVEIRA, F. de. *Gramática da linguagem portuguesa*. Ed. crítica, semidiplomática e anastática por A. Torres e Carlos Assunção, com estudo introdutório de Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

VIARO, M. E. Fernão de Oliveira, precursor dos estudos fonológicos. In: ABAURRE, M. B.; PFEIFER, C.; AVELAR, J. (org.) *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009. p. 105-121.

VIARO, M. E. O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO): conceitos de metalema, hemilema, hiperlema e ultralema. In: DE ROSA, G. L.; DEGLI ATTI, F.; CHULATA, K. de A.; MORLEO, F. (org.). *De volta ao futuro da língua portuguesa. Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Lecce: Università di Salento, 2017. p. 143-156. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17775/15134>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Recebido em: 16 de setembro de 2018.

Aprovado em: 22 de outubro de 2018.